

S SINAIS DOS TEMPOS

/ EMANUEL
/ NOITE FELIZ
/ BATISMO EM FAVOR DOS MORTOS?

T

EMANUEL



PUBLICADORA SERVIR
4º TRIMESTRE 2020
N. 155 / ANO 38 / €2,00

0 873901 320108



PUBLICADORA SERVIR
4º TRIMESTRE 2020
N. 155 / ANO 38

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Sara Sayal**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almagem do Bispo

21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA

Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA

Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM **9000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**

PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**

ASSINATURA ANUAL **8,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS

DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Prolongar o Futuro

FILOSOFIA

04

Fé e Razão São Compatíveis?

Descubra a resposta.

PSICOLOGIA



10

Benefícios da Alegria

A alegria dá saúde!

RELIGIÃO

14

Emanuel

Conheça mais sobre o Salvador do mundo e acerca da Sua missão.

HISTÓRIA

20



Noite Feliz

A história do mais belo hino de Natal.

HISTÓRIA

23

Dia de Ação de Graças

A origem de uma bonita tradição norte-americana.

TEOLOGIA



28

Batismo em Favor dos Mortos?

A interpretação correta de um texto difícil.

33

NOTÍCIA QUE FAZ PENSAR
Demência e Depressão em Portugal

34

NOTÍCIA POSITIVA
Honestidade

35



A BÍBLIA ENSINA
Princípios Bíblicos de Salvação

Prolongar o Futuro



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

Enquanto eu escrevo e você lê, o Coronavírus continua ativo e a Covid-19 propaga-se no mundo. Esta continua a ser uma realidade presente. Nestes, já longos, meses, aprendemos a lidar com a situação. Conhecemos as regras sanitárias e sabemos o que fazer para prevenir o contágio. A Pandemia tem usufruído demasiado do estatuto de cabeça de cartaz nos noticiários. Volvido este tempo, também percebemos que há muito mais vida para além da Covid-19, à qual devemos dedicar atenção.

Na área da Saúde, é preocupante que a prevalência da demência em Portugal seja elevada e com tendência para duplicar, enquanto o consumo de antidepressivos triplicou. Por outro lado, estudos provam que a fé religiosa, aliada à leitura da Bíblia, à meditação e à oração, promove a alegria e a felicidade. Descobrimos também alguns pormenores sobre a origem do “Dia de Ação de Graças”, e como faz bem agradecer.

No âmbito religioso, nesta *Sinais dos Tempos*, responde-se a dúvidas suscitadas pela prática de alguns se fazerem batizar em favor

dos mortos, na tentativa de que estes também se salvem. De acordo com a revelação bíblica, esclarece-se que não existe uma segunda oportunidade de salvação depois da morte. A Palavra de Deus é determinante – a salvação é pessoal e intransmissível.

A integração da fé e da razão é um constante desafio para muitos no exercício da sua profissão, na pesquisa ou, mesmo, no quotidiano. Ao longo do tempo, têm sido adotadas várias abordagens para a relação entre a fé e a razão. Dependendo dos pressupostos, ora se cai num ou noutro extremo, negando o valor da razão ou desprezando a fé. Porém, a realidade mostra que, por vezes, os domínios da fé e da razão se sobrepõem. E, na perspetiva bíblica, fé e razão podem e devem operar juntas, sem incompatibilidades.

Para concluir este quarto trimestre de 2020, recorda-se a história do mais famoso hino de Natal do mundo – *Noite Feliz*. A beleza da letra e da música inspiraram-se na vida e no AMOR insondável e imensurável, demonstrado e vivido por EMANUEL, “DEUS CONNOSCO”.

Na perspetiva de um prolongado futuro, e ao terminar 2020, deixe-se “contagiar” por este espírito de Natal... porque EMANUEL estará sempre connosco! ▢

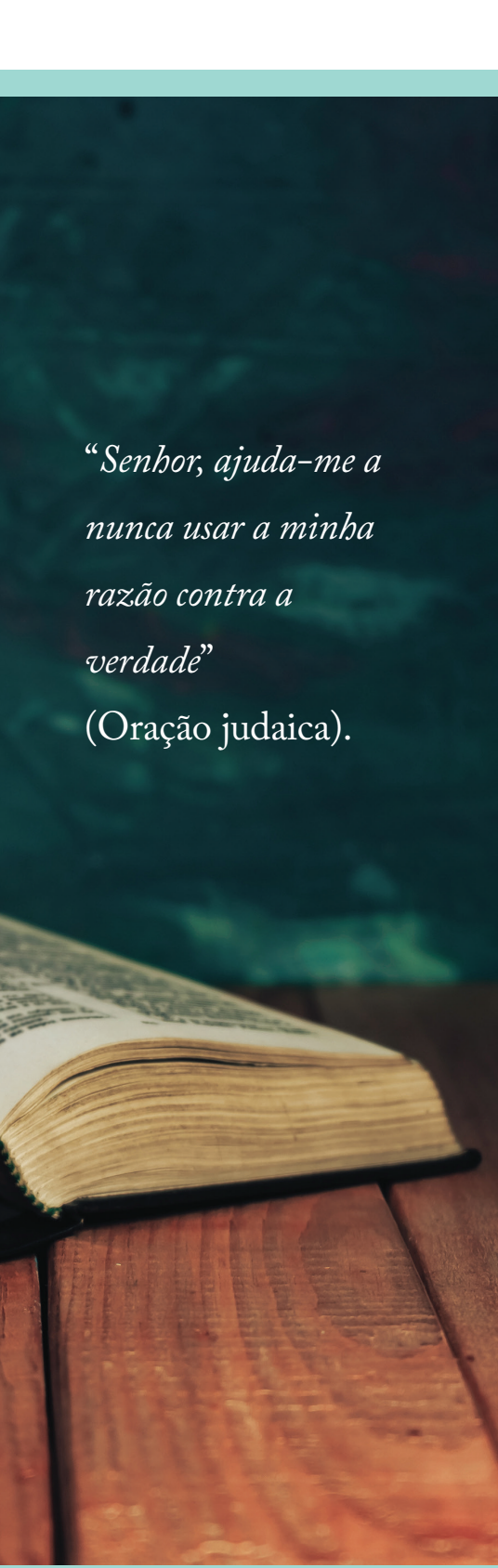
FILOSOFIA

FÉ E RAZÃO SÃO COMPATÍVEIS?¹

≈

Humberto M. Rasi
Doutor em Educação





*“Senhor, ajuda-me a
nunca usar a minha
razão contra a
verdade”
(Oração judaica).*

Os Cristãos envolvidos em estudos avançados, em pesquisas e em profissões que desafiam os alicerces da Fé são confrontados diariamente com dilemas sobre como integrar a Fé e a Razão. Esta tensão aumenta porque muitos, à sua volta, presumem que pessoas inteligentes e educadas não são religiosas, e, se são, acreditam que as suas convicções devem ser mantidas na esfera privada.

De acordo com a Bíblia, Deus criou Adão e Eva no princípio da história humana e dotou-os com a capacidade de raciocinar e com o poder de escolher. No uso dessas competências, eles desobedeceram a Deus e, como consequência, perderam a condição de perfeição e o seu lar paradisíaco. Embora tivéssemos herdado a debilidade da sua condição caída, Deus preservou a nossa capacidade de pensar por nós mesmos, de exercitar a confiança e de fazer escolhas (João 6:67-69; Apocalipse 3:20; 22:17).

Por uma questão de clareza, devemos definir três conceitos fundamentais: a Fé, a Razão e a Crença.

A **Fé** é um ato da vontade que surge quando escolhemos colocar a nossa confiança em Deus como resposta à Sua autorrevelação e à influência do Espírito Santo na nossa consciência. A Fé é dinâmica. Leva a decisões e à ação. A fé religiosa inclui o desejo de viver e, até, de morrer pelas próprias convicções.

A **Razão** é o exercício da capacidade mental de pensar racionalmente, de compreender, de discernir e de aceitar um conceito ou uma ideia. A Razão busca a clareza, a consistência, a coerência e as evidências apropriadas.

A **Crença** é o ato mental de aceitar como verdade factual ou real uma declaração ou uma pessoa. Por outro lado, também é possível sustentar uma crença em algo que não seja verdade.

A Razão e a Fé relacionam-se de maneira assimétrica. É possível crer que Deus existe (Razão) sem crer em Deus ou confiar n'Ele (Fé). Mas é impossível confiar em Deus (Fé) sem crer que Ele existe (Razão).

Apesar de a Razão ser importante para a Fé, ela não pode tomar o seu lugar. Para um Cristão, a aquisição de conhecimento não é o objetivo supremo da vida. O mais alto objetivo da vida é conhecer Deus e estabelecer uma relação pessoal com Ele. Essa confiança e essa amizade levam à obediência a Deus e ao serviço amoroso para com os outros seres humanos.

A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO

Ao longo da era cristã, os crentes têm adotado várias abordagens para a relação entre a Fé e a Razão – fideísmo, racionalismo, dualismo e sinergia.

Fideísmo – A Fé ignora ou minimiza o papel da Razão para se chegar à verdade. A fé em Deus é o critério supremo para a verdade e é tudo aquilo de que um Cristão precisa para ter a certeza da salvação. O fideísmo radical exalta o valor da fé cega, rejeita o pensamento racional, opõe-se à educação e às pesquisas avançadas, podendo levar a uma religião privada e esotérica.

Todavia, a fé em Deus e em Jesus Cristo pressupõe um Deus que Se revelou à Humanidade por intermédio de Cristo. Além disso, os Cristãos que aceitam a Bíblia

como uma revelação confiável de Deus devem, necessariamente, exercer os seus poderes racionais para poderem compreender as proposições, as exortações e as profecias contidas nas Escrituras. Se a Bíblia é, na realidade, uma expressão proposicional da vontade de Deus, assim como a base da fé e da prática cristãs, a razão humana não pode ser desconsiderada, mas deve ser utilizada.

Racionalismo – A razão humana desafia e, eventualmente, destrói a fé cristã. Os racionalistas afirmam que a razão humana constitui a fonte fundamental do conhecimento e da verdade; portanto, fornece a base para a crença. O racionalismo moderno rejeita a revelação sobrenatural como fonte de informação confiável.

Começando com o reavivamento humanístico do Renascimento, o racionalismo floresceu durante o Iluminismo, com a sua crítica sistemática às doutrinas e às instituições estabelecidas. Com o tempo, o racionalismo desenvolveu-se e dividiu-se em algumas variedades: o *empirismo* – dependência dos sentidos; o *materialismo* – só a matéria e as leis físicas são dignas de confiança; o *pragmatismo* – acreditar naquilo que funciona; o *existencialismo* – confiar na sua experiência pessoal. Mais tarde, o racionalismo evoluiria para o *ceticismo moderno* – questiona, duvida ou discorda das conclusões e crenças geralmente aceites, chegando, posteriormente, ao *ateísmo*, no qual a existência de Deus é negada.

Apesar de a Razão ser importante para a Fé, ela não pode tomar o seu lugar. Para um Cristão, a aquisição de conhecimento não é o objetivo supremo da vida. O mais alto objetivo da vida é conhecer Deus e estabelecer uma relação pessoal com Ele.

Na sua oposição à Fé, o racionalismo argumenta que as Religiões tendem a apoiar crenças tradicionais e, às vezes, irracionais, frustrando a autorrealização do indivíduo. Os autores racionalistas também argumentam que a realidade do mal no mundo é incompatível com a existência do poderoso, amoroso e sábio Deus do Cristianismo.

Dualismo – A Fé e a Razão são autônomas e operam em esferas separadas, não se confirmando nem se contradizendo uma à outra. Esta posição tem sido defendida por pensadores agnósticos e cristãos. Alguns acreditam que a Ciência trata de factos objetivos e a Religião dedica-se a questões morais, de uma perspetiva pessoal e subjetiva. Portanto, as esferas de atividade da Razão e da Fé, do conhecimento e dos valores, não se relacionam entre si.

Os Cristãos não estão dispostos a aceitar este dualismo. Argumentam que Jesus Cristo é o centro da sua fé como o

Deus incarnado, e também é uma Pessoa real que viveu na Terra, num determinado tempo e lugar. Acreditam que os eventos narrados e os personagens apresentados nas Escrituras também foram reais e fizeram parte do *continuum* histórico, como é demonstrado por um crescente volume de documentos e evidências arqueológicas.

Qualquer tentativa de separar as esferas da Razão e da Fé relega o Cristianismo para o terreno dos sentimentos pessoais, da subjetividade individual e, em última análise, remete-o para o nível do mito fantasioso e irrelevante. Tanto Cristãos como não-Cristãos apegam-se a crenças equivocadas e, muitas vezes, contraditórias.

Sinergia – Firmada na revelação de Deus, a Razão pode fortalecer a busca humana e o comprometimento com a verdade. Os proponentes desta posição defendem que o Cristianismo



bíblico constitui um sistema de crenças e de práticas integrado e internamente consistente, que merece um compromisso de fé e um consentimento racional.

Os domínios da Fé e da Razão às vezes sobrepõem-se. As verdades baseadas somente na Fé são as reveladas por Deus, sendo impossível descobri-las por meio da razão humana (por exemplo, a Trindade e a salvação pela graça divina, mediante a Fé). As verdades às quais chegamos por meio da Fé e também da Razão são reveladas por Deus, mas podem igualmente ser descobertas por meio da razão humana (por exemplo, a existência de Deus e a lei moral objetiva). As verdades determinadas pela Razão e não pela Fé são aquelas não reveladas diretamente por Deus, mas descobertas pela mente humana (por exemplo, fórmulas e operações matemáticas, leis químicas e físicas).

Se o mundo real pode ser compreendido pela razão humana, com base na investigação e na experiência, então é um mundo inteligível. A submissão deste mundo ao questionamento racional, tanto no micro como no macrocosmo, permite aos seres humanos descobrir leis que dão provas de um projeto inteligente da mais complexa espécie. Este desígnio extremamente elaborado de todas as facetas do Universo, que torna possível a existência de vida inteligente neste Planeta, dá testemunho de um Projetista. Portanto, a experiência religiosa e a consciência moral podem ser vistas como sinais da existência do mesmo Ser que a pesquisa científica vê como o Projetista Inteligente do Cosmos e o Mantenedor da vida.

Então, a Razão pode ajudar-nos a ir do entendimento para a aceitação e, idealmente, para a Crença. Mas a Fé é uma escolha da vontade, uma decisão de depositar a confiança na revelação de Deus como o fundamento de tudo. Pensar cautelosamente, sob a condução do Espírito Santo, pode remover obstáculos no caminho que leva à Fé. Uma vez

que a Fé está presente, a Razão pode fortalecer o compromisso religioso.

FÉ E RAZÃO NA PERSPETIVA BÍBLICA

Quando a Igreja Cristã Primitiva interagiu com a cultura greco-romana, começou a articular a distinção entre a Fé e a Razão, garantindo para a Fé a posição privilegiada na vida do crente. O ensino bíblico sobre a relação entre a Fé e a Razão pode ser resumido em cinco premissas.

O Espírito Santo desperta a Fé e ilumina a Razão. É apenas pela persistente influência do Espírito Santo sobre a consciência humana que alguém se torna Cristão. Na nossa condição natural, não buscamos Deus (Romanos 3:10 e 11); não reconhecemos a necessidade desesperada da Sua graça (João 16:7-13); nem compreendemos as coisas espirituais (I Coríntios 2:14). Somente pela ação do Espírito Santo é que somos atraídos para aceitar Deus, sendo capazes de crer e de confiar n'Ele (João 16:13 e 14). Realizada esta transformação maravilhosa (Romanos 12:1 e 2), então o Espírito Santo ensina-nos e guia-nos em toda a verdade (João 14:26; 16:13), permitindo-nos discernir o erro (I João 4:1-3).

A Fé precisa de ser exercitada e desenvolvida durante toda a vida. A cada ser humano foi dada uma “*medida de fé*” (Romanos 12:3), isto é, a capacidade de confiar em Deus; e cada Cristão é estimulado a crescer cada vez mais na Fé (II Tessalonicenses 1:3). “*Sem fé ninguém pode agradar a Deus. Quem se aproxima de Deus deve acreditar que ele existe e que recompensa os que o procuram*” (Hebreus 11:6, *BpT*). Daí a súplica de um pai a Jesus: “*Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé!*” (Marcos 9:24), e o pedido dos Discípulos: “*Aumenta-nos a fé!*” (Lucas 17:5). Crescemos na Fé quando, em resposta à misericórdia de Deus para conosco, aumentamos a nossa confiança n'Ele e guardamos os Seus Mandamentos.

Deus valoriza a razão humana e apela para ela. Embora os pensamentos de Deus

sejam infinitamente mais elevados do que os nossos (Isaías 55:8 e 9), Ele escolheu comunicar-Se com a Humanidade de maneira inteligente, revelando-Se nas Escrituras (II Pedro 1:20 e 21), em Jesus Cristo, que a Si mesmo chamou “a verdade” (João 14:6), e na Natureza, apesar dos efeitos negativos do pecado (Salmo 19:1; Gênesis 3:14-17; 7:11-24). Com frequência, Jesus envolvia os Seus ouvintes em diálogos e reflexões (exemplos: Nicodemos ou a mulher samaritana, em João 3 e 4). Filipe explicou as profecias messiânicas a um oficial etíope, para que ele pudesse compreender e crer (Atos 8:30-38). Os Cristãos de Bereia foram elogiados, porque eles “[*examinavam*] as Escrituras todos os dias para verem se as coisas eram, de facto, assim” (Atos 17:11).

Deus provê evidências suficientes para que creiamos e confiemos n’Ele. Um mero observador pode perceber o poder criador e mantenedor de Deus na Natureza (Isaías 40:26). “Os atributos invisíveis de Deus, assim como o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Romanos 1:20). Aqueles que, apesar das evidências, insistem em negar a existência de Deus e o Seu poder criador “são, por isso, indesculpáveis” (Romanos 1:20). Quando nos deparamos com questões a respeito da origem do Universo, o nosso ponto de partida deve ser o da Fé: “Pela fé compreendemos que o Universo foi formado pela palavra de Deus; de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível” (Hebreus 11:3).

A Fé e a Razão podem operar juntas na vida e no testemunho do crente. Quando pediram a Jesus para fazer um resumo da Lei, Ele disse: “O mais importante [mandamento] é este: Escuta Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. E o segundo em importância é este: Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:29-31, BpT). O apóstolo

Paulo explicou que “a fé vem daquilo que se ouve e o que se ouve é o anúncio da palavra de Cristo” (Romanos 10:17, BpT). E Pedro incentivou os crentes a estarem “sempre preparados para responder a todos os que vos interrogarem acerca da esperança que têm” (I Pedro 3:15, BpT). O apóstolo também encorajou os Cristãos “a juntar à vossa fé o bom procedimento; ao bom procedimento, o conhecimento” (II Pedro 1:5, BpT).

CONCLUSÃO

Não é difícil elaborar uma galeria de “gigantes de mente e espírito”, indivíduos crentes em Jesus Cristo, como Paulo, Jerônimo, Lutero, Calvino e Wesley. Na Europa, a Ciência moderna surgiu com pioneiros respeitados: Copérnico, Galileu, Kepler, Berkeley, Pascal, Boyle, Newton, Halley e Lineu. Todos eles tinham fé num Deus Criador que estabeleceu, no Universo, leis operantes que puderam ser descobertas e aplicadas para o benefício da Humanidade.

Para o Cristão conhecedor, não existe “incompatibilidade entre a fé vital e a aprendizagem profunda, disciplinada e ampla; entre a piedade e o raciocínio vigoroso; entre a fé e a vida da mente”. Como milhões de Cristãos ao longo dos séculos, eu reconheço a primazia da Fé na vida intelectual, tal qual está expresso em duas fórmulas clássicas: *Fides quarens intellectum* (“A Fé busca o entendimento”) e *Credo ut intelligam* (“Creio para poder entender”). Todos somos chamados para amar Deus de todo o nosso entendimento, integrando na nossa experiência as exigências da Fé e do Intelecto. Para crescermos tanto na confiança em Deus como nas competências racionais, devemos, cada dia, aprofundar a amizade com Jesus [o Emanuel que é Deus conosco], o estudo das Escrituras e o compromisso com a verdade. ▢

NOTA

1 Condensado e adaptado de Humberto M. Rasi e Nancy J. Vyhmeister, *A Lógica da Fé*, São Paulo: CPB, 2015, pp. 53-62.



BENEFÍCIOS DA ALEGRIA¹

Série *CRER FAZ BEM*

“A esperança dos justos dá-lhes alegria; as ilusões dos maus não levam a nada. [...] Coração alegre dá saúde ao corpo; espírito abatido seca os ossos” (Provérbios 10:28; 17:22, BpT).

Durante mais de vinte anos, Harold Koenig fez pesquisa de análise sobre Religião e Saúde. Encontrou 326 estudos quantitativos sobre a relação que existe entre a Religião, a Espiritualidade (R/E) e a sensação de bem-estar. Dos 120 estudos considerados metodologicamente mais rigorosos, 82% re-

velaram que maior felicidade, satisfação com a vida e uma sensação mais ampla de que a vida é boa foram encontrados naqueles que tinham mais elevado nível de R/E. Por outro lado, ao rever estudos na área da Religião e da depressão, que é o extremo oposto da alegria, Koenig encontrou 444 estudos quantitativos, realizados de 1990 a 2010. Um total de 61% dos estudos afirmam que menos depressão, ou mais rápida recuperação da depressão, eram obtidas por meio da intervenção religiosa.



~
Julián Melgosa
Psicólogo

Christopher Lewis, da Universidade de Ulster, Londonderry, Irlanda do Norte, analisou a relação existente entre o uso da estratégia religiosa para enfrentar os problemas e a felicidade. Descobriu que pessoas que dedicaram maior quantidade de tempo à meditação e à oração (ao contrário de “é bom ir à igreja, porque lá posso fazer amigos”) apresentaram os mais altos níveis de felicidade. Da mesma forma, a felicidade foi obtida pelo enfrentamento religioso demonstrado por aqueles que confiavam em Deus, dizendo: “Eu sei que

Deus não me abandona.” Estatisticamente, além destas duas descobertas, a mais forte conotação foi a da religião intrínseca. Isto é, são os encontros realizados a sós com Deus, um diálogo “face a face”, que é a mais significativa, gratificante e poderosa experiência para o crescimento espiritual, para o bem-estar e para a sensação de felicidade da pessoa.

COMO A FÉ PROMOVE A ALEGRIA

Os mecanismos pelos quais as crenças e as práticas religiosas fazem com que muitas pessoas se sintam mais alegres e satisfeitas com a vida não são realmente conhecidos. Entretanto, há inúmeras explicações que são produto da observação e da lógica.

Os grupos religiosos possuem uma rede de relacionamentos sociais que lhes serve de apoio por natureza. Os membros das Comunidades Religiosas partilham as suas crenças e práticas, sentindo-se confortáveis e mantendo bons relacionamentos uns com os outros. As igrejas promovem normalmente ambientes atrativos para a Comunidade, onde as pessoas entram e ali permanecem, abrigando dentro delas um sentimento de pertença, de satisfação e de alegria.

Embora possa variar bastante entre as Denominações e as diversas Religiões, os grupos religiosos promovem, geralmente, estilos de vida saudáveis em relação ao regime alimentar, ao exercício físico, às formas de entretenimento e a outros aspetos relacionados com a Comunidade Religiosa. As recomendações e os ensinamentos ajudam as pessoas a não se envolverem em comportamentos de risco ou em vícios. Estes fatores previnem a degeneração da saúde e tornam os seus seguidores pessoas mais felizes e mais satisfeitas com a vida.

Estas recomendações vão além da saúde física, e estendem-se à saúde mental. As crenças religiosas promovem princípios e virtudes como amor, perdão, empatia, autocontrolo, honestidade, contentamento. Por

As pessoas religiosas que mantêm um relacionamento pessoal com Deus sentem-se abençoadas, sabendo que podem arrepender-se dos seus pecados e obter o perdão.



outro lado, promovem o abandono do ódio, da suspeita, da cobiça, da fraude, da falsidade e da intemperança. Estes princípios favorecem o desenvolvimento de um estado de espírito mais equilibrado, proporcionando maior satisfação na vida.

Além disso, as pessoas religiosas que mantêm um relacionamento pessoal com Deus sentem-se abençoadas, sabendo que podem arrepender-se dos seus pecados e obter o perdão. Deste modo, previnem estados destrutivos, como a culpa e o remorso. Podem olhar para o futuro com esperança em vez de com desespero, com a certeza da direção divina que traz consolo e paz à sua vida. A ligação com Deus é ainda uma salvaguarda contra a devastação causada pelas provações, pelas perdas, pelas tristezas e pelos sofrimentos, porque, mesmo quando isso acontece, o crente pode encontrar sentido e esperança para a sua vida, por saber que Deus é real e o Seu amor verdadeiro.

A música também é uma grande fonte de alegria. Pode ser agradável, terapêutica e de edificação espiritual. A melodia e a letra de um hino ou de um cântico podem transformar rapidamente alguém deprimido

numa pessoa de espírito alegre. Como a música faz parte da adoração a Deus, os crentes têm mais oportunidades de desenvolver e de manter um estado de espírito alegre.

Finalmente, as pessoas de fé percebem que há ordem e propósito no Universo. No Cristianismo, quando veem o mal, podem explicá-lo como sendo resultado do pecado, crendo que, um dia, terá fim, porque Deus tomou as devidas providências para salvar e transformar as pessoas que aceitam a salvação em Jesus Cristo e O seguem. Crenças como estas protegem as pessoas contra o desespero e oferecem uma perspetiva mais agradável da vida, tanto para o presente como para o futuro.

Em resumo, a presença de Deus na vida das pessoas pode transformar o sofrimento e proporcionar a alegria: *“Alegram-se os justos e regozijem-se no SENHOR, cantem com alegria, todos os que são retos de coração. [...] Que alegria, quando me disseram: ‘Vamos ao templo do SENHOR!’”* (Salmos 32:11; 122:1, BpT.) ▢

NOTA

1 Adaptado de Julián Melgosa, *Crer Faz Bem*, Tatui: CPB, 2015, pp. 148-156.

Seja Feliz!



“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” Mateus 11:28.



Alivie a sua dor, hoje!

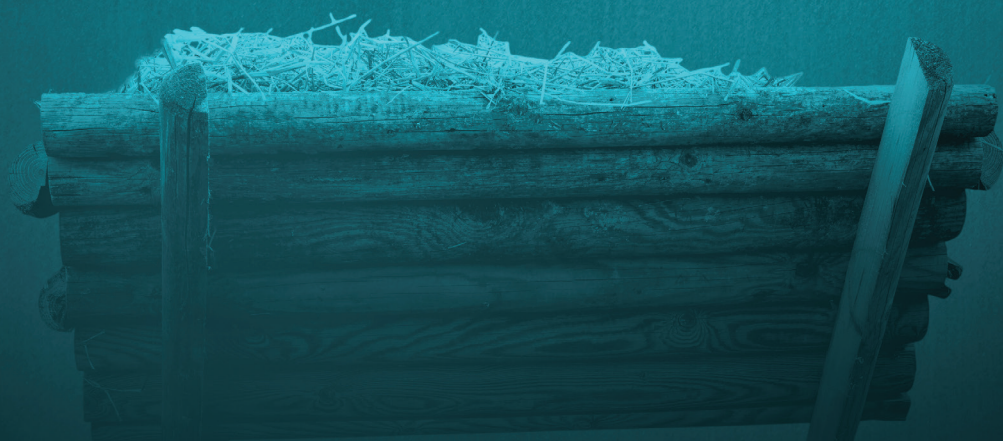
Peça gratuitamente: 933 93 92 91.

RELIGIÃO

EMANUEL'



Ellen G. White



“Chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel [...] ‘Deus conosco’” (Isaías 7:14; Mateus 1:23).

O brilho do “*conhecimento da glória de Deus*” vê-se “*na face de Jesus Cristo*”. Desde os dias da eternidade, o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai; era “*a imagem de Deus*”, a imagem da Sua grandeza e majestade, “*o resplendor da sua glória*”. Foi para manifestar essa glória que Ele veio ao mundo. Veio à Terra mergulhada na escuridão do pecado, para revelar a luz do amor de Deus, para ser “*Deus conosco*”. Portanto, a Seu respeito foi profetizado: “*Chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel.*”

Vindo habitar conosco, Jesus devia revelar Deus tanto aos homens como aos anjos. Ele era a Palavra de Deus – o pensamento de Deus tornado audível. Na Sua oração pelos Discípulos, diz: “*Eu lhes fiz conhecer o teu nome*” – “*misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade*” – “*para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja*”. Mas essa revelação não era feita só aos filhos nascidos na Terra. O nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo. O maravilhoso objetivo da graça do Senhor, o mistério do amor que redime, é o tema para o qual “*os anjos desejam bem atender*”, e será o seu estudo através da eternidade. Mas os seres remidos e os não-caídos encontrarão na cruz de Cristo a sua ciência e o seu cântico. Ver-se-á que a glória que resplandece na face de Jesus Cristo é a glória do amor abnegado. À luz do Calvário ficará bem claro que a lei do amor altruísta é a lei da vida para a Terra e o Céu; que o amor que “*não procura os seus interesses*” tem a sua fonte no coração de Deus; e que no manso e humilde Jesus se manifesta o caráter d’Aquele que habita na luz inacessível ao Homem.

No princípio, Deus manifestava-Se em todas as obras da Criação. Foi Cristo que estendeu os Céus e lançou os fundamentos da Terra. Foi a Sua mão que suspendeu os mundos no Espaço e deu forma às flores do campo. “*Ele converteu o mar em terra firme.*” “*Seu é o mar, e ele o fez*” (Salmos 65:6; 95:5).

Foi Ele que encheu a Terra de beleza e o ar de cânticos. E sobre todas as coisas na terra, no ar e no firmamento, escreveu a mensagem do amor do Pai.

Ora, o pecado manchou a perfeita obra de Deus. Todavia, ainda permanecem as evidências da Sua mão. Mesmo agora, todas as coisas criadas continuam a declarar a glória da Sua excelência. Não há nada, a não ser o coração egoísta do Homem, que viva só para si. [...]

Os anjos da glória têm prazer em dar – dar amor e infatigável cuidado a pessoas que caíram e estão contaminadas pelo pecado. Seres celestiais procuram conquistar o coração dos homens; trazem a este mundo escuro a luz das cortes celestes; mediante um ministério amável e paciente operam no espírito humano, para levar os perdidos a uma união com Cristo, mais íntima do que eles próprios podem avaliar.

Pondo de parte todas as representações indiretas, contemplamos Deus em Cristo. Olhando para Jesus, vemos que a glória do nosso Deus é dar. “*Nada faço de mim mesmo*”, disse Cristo; “*o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai*”. “*Eu não busco a minha glória, mas a “daquele que me enviou”*”. (João 8:28; 6:57; 8:50; 7:18.) Manifesta-se nestas palavras o grande princípio que é a lei da vida para o Universo. Cristo recebeu todas as coisas de Deus, mas recebeu-as para dar. [...] E assim, através de Cristo, completa-se o círculo da beneficência, representando o caráter do grande Doador, a lei da vida.

Essa lei foi violada no próprio Céu. O pecado originou-se na procura dos próprios interesses. Lúcifer, o querubim protetor, desejou ser o primeiro no Céu. Procurou dominar os seres celestes, afastá-los do seu Criador e receber, ele próprio, as suas homenagens. Portanto, apresentou Deus de um modo falso, atribuindo-Lhe o desejo de exaltação própria. Tentou revestir

A Terra ficou em escuridão espiritual devido à má compreensão de Deus. Para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o mundo pudesse voltar ao Criador, era necessário que se derrubasse o poder enganador de Satanás. Isso não se podia fazer pela força.

o amável Criador com as suas próprias características. Assim enganou os anjos, enganou os homens, levando-os a duvidar da palavra de Deus e a desconfiar da Sua bondade. Como o Senhor é um Deus de justiça e tremenda majestade, Satanás levou-os a considerá-l'O como severo e sem espírito de perdão. Dessa forma, arrastou os homens a unirem-se à sua rebelião contra Deus e as trevas da miséria baixaram sobre o mundo.

A Terra ficou em escuridão espiritual devido à má compreensão de Deus. Para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o mundo pudesse voltar ao Criador, era necessário que se derrubasse o poder enganador de Satanás. Isso não se podia fazer pela força. O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade. Só o amor desperta o amor. Conhecer Deus é amá-l'O; o Seu caráter deve ser posto em contraste com o de Satanás. Essa obra, só um Ser, em todo o Universo, era capaz de realizar. Somente Aquele que conhecia a altura e a profundidade do amor de Deus podia torná-l'O conhecido. Sobre a negra noite do mundo, devia erguer-Se o Sol da Justiça, trazendo salvação “*sob as suas asas*” (Malaquias 4:2).

O Plano da nossa Redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação “*do mistério encoberto desde tempos eternos*” (Romanos 16:25). [...] Desde o princípio, Deus e Cristo sabiam da apostasia de Satanás, e da queda do Homem através do poder enganador do apóstata. Deus não ordenou que o pecado existisse, mas preveniu a sua existência, e tomou providências para enfrentar a terrível emergência. Tão grande era o Seu amor pelo mundo,

que Se comprometeu a entregar o Seu Filho Unigénito “*para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*” (João 3:16).

Lúcifer dissera: “*Subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono. [...] Serei semelhante ao Altíssimo*” (Isaías 14:13 e 14). Mas Cristo, “*sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens*” (Filipenses 2:6 e 7).

Foi um sacrifício voluntário. Jesus poderia ter permanecido ao lado do Seu Pai. Poderia ter retido a glória do Céu e as homenagens dos anjos. Mas preferiu entregar o cetro nas mãos do Seu Pai, e descer do trono do Universo, a fim de trazer luz aos que estavam na ignorância e vida aos que estavam prestes a morrer.

Há cerca de dois mil anos, [...] a Sua divindade ocultou-se na Humanidade – a glória invisível, na visível forma humana. [...] “*O Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade*” (João 1:14). Desde que Cristo veio habitar entre nós, sabemos que Deus está relacionado com as nossas provações e Se compadece das nossas dores. [...]

Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe. A queda dos nossos primeiros pais, com toda a miséria daí resultante, ele atribui ao Criador, levando os homens a olharem para Deus como autor do pecado, do sofrimento e da morte. Jesus devia desmascarar esse engano. Como um de nós, cumpria-Lhe dar o exemplo de obediência. Para isso, tomou sobre Si a nossa natureza e passou pelas nossas provas. “*Convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos*” (Hebreus 2:17). [...] Portanto, Jesus, “*como nós, em tudo foi ten-*

tado” (Hebreus 4:15). Sofreu todas as provações a que estamos sujeitos. [...] Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus. [...] A Sua vida demonstra que também nos é possível obedecer à Lei de Deus.

Mediante a Sua humanidade, Cristo estava em contacto com a Humanidade; pela Sua divindade, firma-Se no trono de Deus. Como Filho do Homem, deu-nos um exemplo de obediência; como Filho de Deus, dá-nos poder para obedecer. Foi Cristo que, do Monte Horeb, falou a Moisés, dizendo: “*EU SOU O QUE SOU. Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós*” (Êxodo 3:14). [...] A nós diz-nos: “*EU SOU o Bom Pastor*”, “*EU SOU o Caminho, a Verdade e a Vida*”. “*É-me dado todo o poder no céu e na terra*” (João 10:11; 6:51; 14:6; Mateus 28:18). EU SOU a certeza da promessa. SOU EU, não temais. “*Deus connosco*” é a certeza da nossa libertação do pecado, a segurança do nosso poder para obedecer à Lei do Céu. Ao tomar sobre Si a humanidade, Cristo revelou um carácter exatamente oposto ao de Satanás. Desceu, porém, ainda mais baixo na escala da humilhação. “*Achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz*” (Filipenses 2:8). [...] “*Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele*” (Isaías 53:5).

Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados pela Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos era destinada, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. “*Pelas suas pisaduras fomos sarados*”. [...]

Por meio da obra redentora de Cristo, o governo de Deus fica justificado. O Omnipotente é dado a conhecer como o Deus de amor. As acusações de Satanás são refutadas e o seu caráter é revelado. A rebelião não se levantará segunda vez. Nunca mais poderá entrar o pecado no Universo. Todos estarão, por toda a eternidade, protegidos contra a apostasia. Mediante o sacrifício feito pelo amor, os habitantes da Terra e do Céu estão ligados ao seu Criador por laços de uma união indissolúvel.

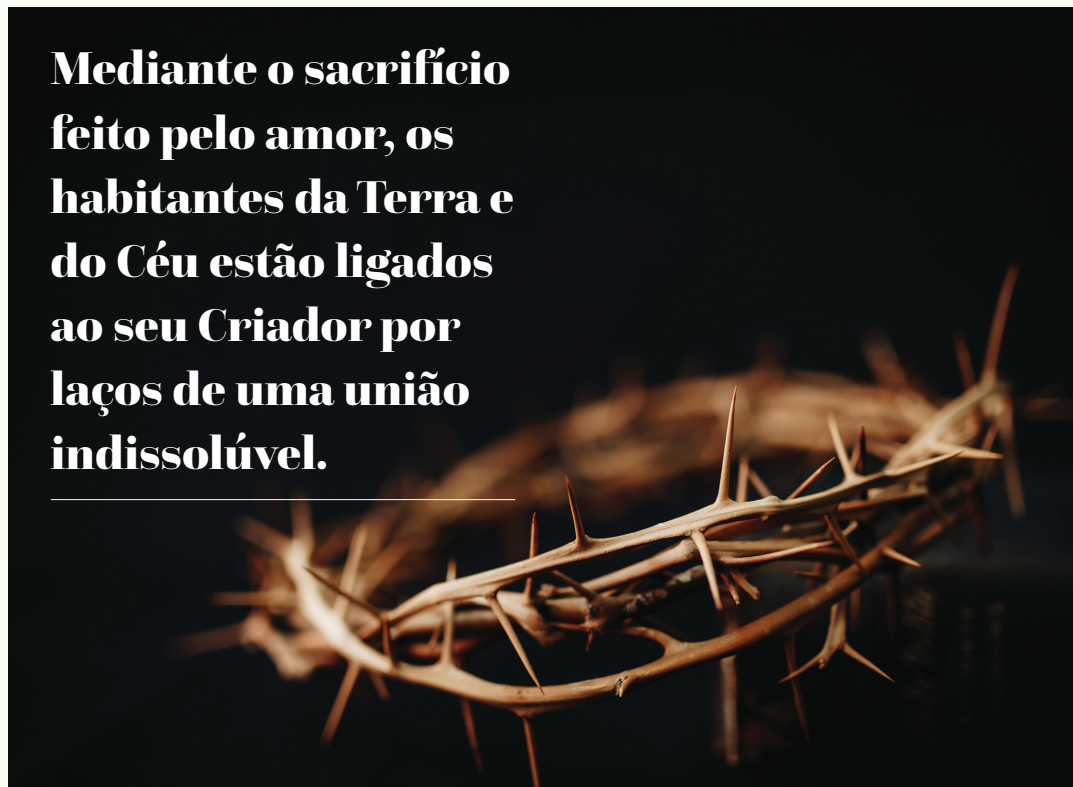
A obra da redenção estará completa. Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus. A Terra, o próprio campo que Satanás reclama como seu, não tem de ser apenas redimida, mas exaltada. O nosso pequenino mundo, sob a maldição do pecado, a única mancha escura da Sua gloriosa Criação, será honrado acima de todos

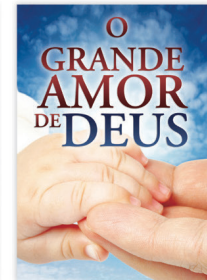
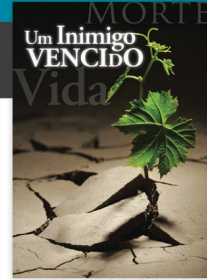
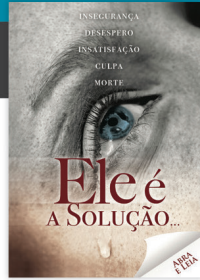
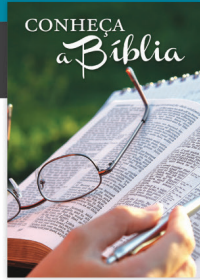
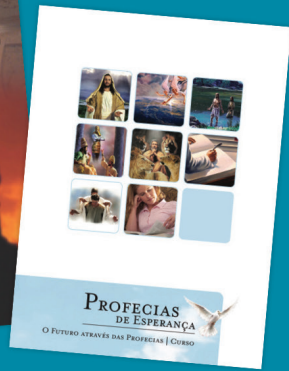
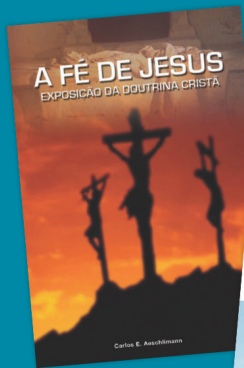
os outros mundos do Universo de Deus. Aqui, onde o Filho de Deus habitou na Humanidade, onde o rei da Glória viveu, sofreu e morreu – aqui, quando Ele tiver feito novas todas as coisas, estará o tabernáculo de Deus com os homens, e *“com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus”*. E através dos séculos sem fim, enquanto os remidos andam na luz do Senhor, hão de louvá-l’O pelo Seu inefável Dom – EMANUEL, *“DEUS CONNOSCO”*. ▸

NOTA

1 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, cap. 1, pp. 11-17, Sabugo: Publicadora SerVir.

**Mediante o sacrifício
feito pelo amor, os
habitantes da Terra e
do Céu estão ligados
ao seu Criador por
laços de uma união
indissolúvel.**





Estude a Bíblia de forma temática com o auxílio de CURSOS.

ESPERANÇA em FOLHETOS!

Ligue e peça através do telefone 933 93 92 91.

HISTÓRIA



NOITE FELIZ

≈
*Redação da Sinais
dos Tempos*



A 23 de dezembro de 1818, na aldeia de Oberndorf, nos Alpes austríacos, o jovem sacerdote Joseph Mohr recebe um pedido. Era urgente visitar a casa de um lenhador, no meio do bosque, pois a mulher acabava de dar à luz. Depois de uma cansativa viagem, o sacerdote chegou já de noite. Ao ver a alegria no rosto da jovem mãe inclinada sobre o berço do seu bebê, o sacerdote esqueceu o cansaço e ficou feliz por ter ido. Regressou a pé pelo mesmo caminho através do bosque, na noite cheia de estrelas, recordando o que acabara de presenciar. A paz daquela cena trouxe-lhe à memória a manjedoura de Belém, onde outra mãe tinha contemplado, feliz, o seu precioso Bebê.

Ao chegar a casa, apesar de exausto, Joseph Mohr não se foi deitar. Sentou-se à mesa e começou a escrever um poema. Eram quatro horas da madrugada quando terminou. Intitulou-o de *Noite Feliz*. Satisfeito pelo dever cumprido, foi então dormir. Não descansou as horas suficientes. Levantou-se e foi a casa do jovem Franz Gruber, organista da igreja e maestro. O sacerdote estava apreensivo, porque o órgão da igreja não funcionava já há alguns dias. Mas Gruber sossegou-o dizendo que, mesmo assim, comporia o hino para ser cantado a duas vozes, com acompanhamento de outro instrumento musical. Na noite de 24 de dezembro, na igreja de S. Nicolau, depois da celebração do culto da meia-noite, Franz Gruber, como baixo, e o sacerdote Joseph Mohr, como tenor, cantaram o hino. Ao escutá-los, as pessoas emocionaram-se.

Meses mais tarde, o mestre que consertara o órgão pediu a Gruber que o testasse. Ele tocou o hino *Noite Feliz*. O homem memorizou as notas musicais e, depois, tocou-o de ouvido na sua própria aldeia. Quatro crianças, dois irmãos e

duas irmãs, da família Strasser, ouviram o hino, aprenderam a melodia e começaram a cantá-lo. O pai, fabricante de luvas, ia todos os anos à cidade de Leipzig, para vender a mercadoria. Os filhos acompanhavam-no, cantando canções de Natal. Certa vez, o diretor de música do Principado da Saxônia ouviu-os cantar a *Noite Feliz*. Gostou tanto que, no ano seguinte, convenceu-os a cantarem num dos seus concertos frequentados por muitas celebridades, incluindo pessoas da realeza. O cântico foi muito apreciado; mas, entretanto, tinha-se perdido o título original. Ficou conhecido, durante algum tempo, como *A Canção Tirolesa*.

Por volta de 1850, o Coro Imperial da Igreja de Berlim cantou o hino, especialmente para o rei Frederico Guilherme IV. Entusiasmado, o monarca deu ordem para encontrarem os compositores, pois queria felicitá-los. Entretanto, o sacerdote Joseph Mohr tinha falecido, em 1848. Apenas Franz Gruber pôde receber pessoalmente os elogios do rei. O interessante é que nem Gruber nem Mohr fizeram nenhuma outra composição durante a vida. Porém, essa canção de Natal, pela beleza da letra e da música, tornou-se no mais famoso hino de Natal do mundo.

Uma última curiosidade: a guitarra que acompanhou, originalmente, Gruber e Mohr, na noite de 24 de dezembro de 1818, acha-se hoje preservada no Museu Municipal de Hallein. É uma relíquia do dia mais importante da vida da aldeia de Oberndorf, o dia em que foi composto o hino *Noite Feliz*.

Só o nascimento de Alguém tão especial como Jesus poderia ter inspirado palavras e música tão sublimes! Permita que a oferta de vida do Salvador possa ter efeito na sua própria vida! ▯

Noite Feliz

*Tudo é paz! Tudo amor! Dormem todos em redor.
Em Belém Jesus nasceu, Rei da paz, da Terra e Céu.
Nosso Salvador é Jesus, Senhor.*

*Glória a Deus! Glória a Deus! Cantam anjos lá nos Céus.
Boas-Novas de perdão, Graça eterna, salvação.
Prova desse amor, dá o Redentor.*

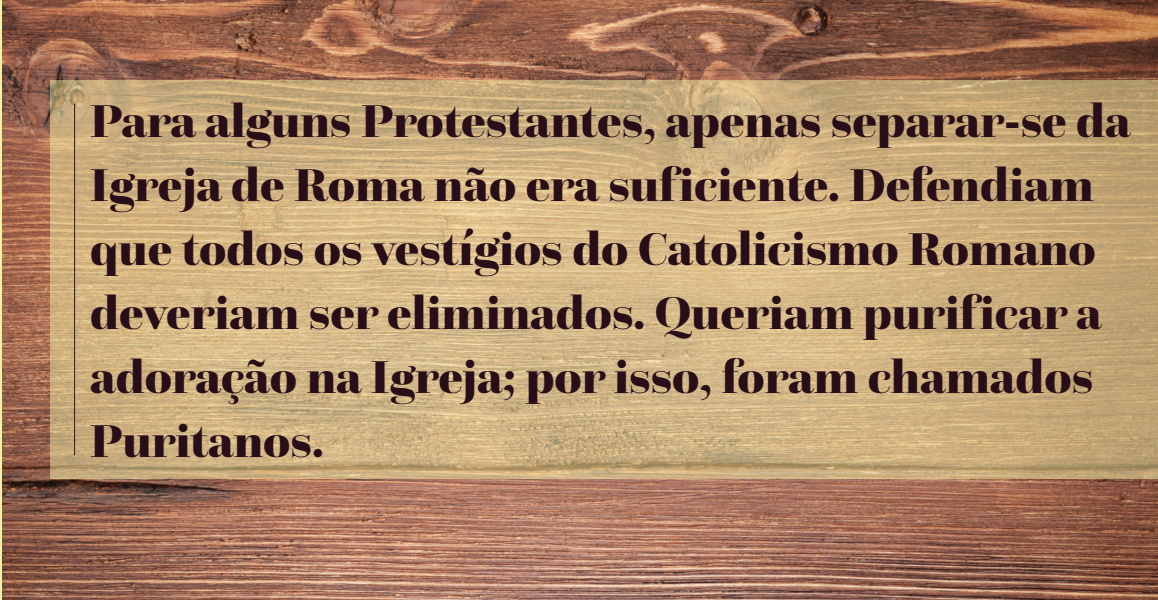
*Rei da Paz, Rei do amor, é Jesus o Salvador.
Vinde todos Lhe pedir que nos venha conduzir.
Deste mundo, a Luz é o Senhor Jesus.*



HISTÓRIA

DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

≈
Redação da Sinais dos Tempos



Para alguns Protestantes, apenas separar-se da Igreja de Roma não era suficiente. Defendiam que todos os vestígios do Catolicismo Romano deveriam ser eliminados. Queriam purificar a adoração na Igreja; por isso, foram chamados Puritanos.

O Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving Day*) é uma das mais importantes celebrações do povo norte-americano. Celebra-se na quarta quinta-feira de novembro, de cada ano, e tem um significado profundamente religioso.

A sua origem histórica começa cerca de um século antes de os primeiros Peregrinos¹ terem zarpado para a América. Na época, início do século XVI, a Inglaterra era um país católico romano, e o rei Henrique VIII detinha o título de Defensor da Fé. Porém, surgiu um conflito quando o Papa Clemente VII se recusou a anular o casamento de Henrique com a primeira das seis esposas do rei, Catarina de Aragão.


Entretanto, por quase toda a Europa, a Reforma Protestante causava um enorme impacto na Igreja Católica Romana. Com medo de perder o prestígio que a Igreja lhe tinha dado, o rei manteve, inicialmente, os Reformadores fora da Inglaterra, mas depois mudou de ideia. Já que a Igreja Católica não queria anular o seu casamento, ele, por sua vez, “anulou” a Igreja. Em 1534, Henrique VIII pôs fim ao domínio papal sobre

os Ingleses, e fez com que o nomeassem Chefe Supremo da Igreja Anglicana. Logo a seguir, começou a fechar mosteiros e a vender as suas enormes propriedades. Quando Henrique morreu, em 1547, a Inglaterra estava a tornar-se num país protestante.

Eduardo VI, filho de Henrique VIII, manteve a inimizade com Roma. Em 1553, Eduardo morreu, e Maria, a filha católica romana de Henrique e Catarina de Aragão, tornou-se rainha. Maria tentou reverter a situação com Roma, para que a nação se submetesse à autoridade papal. Forçou muitos Protestantes ao exílio, e fez com que mais de 300 pessoas fossem queimadas na estaca. Ficou conhecida como Maria, a Sanguinária. Todavia, não conseguiu impedir a onda de mudanças. Depois da morte de Maria, em 1558, a sua meia-irmã, Elisabete I, tornou-se na sucessora. Governou de maneira que o Papa tivesse pouca influência na vida religiosa dos Ingleses.

OS PURITANOS

Para alguns Protestantes, porém, apenas



A disposição dos Separatistas, de viajar para longe, por razão das suas crenças e para obterem liberdade religiosa, levou-os a serem conhecidos como Peregrinos.

separar-se da Igreja de Roma não era suficiente. Defendiam que todos os vestígios do Catolicismo Romano deveriam ser eliminados. Queriam purificar a adoração na Igreja; por isso, foram chamados Puritanos. Entre eles, alguns Puritanos não viam necessidade de Bispos, e desejavam que a sua congregação ficasse separada da Igreja nacional. Foram, assim, chamados Separatistas.

Durante o reinado de Elisabete I, alguns clérigos puritanos irritaram a rainha por usarem trajes informais. Em 1564, ela ordenou ao Arcebispo de Cantuária que lhes impusesse um padrão de vestuário. Imaginando que isso significaria terem de usar trajes iguais aos dos sacerdotes católicos, os Puritanos recusaram obedecer. Houve ainda mais controvérsia a respeito da antiga hierarquia de Bispos e Arcebispos. A rainha continuou a controlar os Bispos, exigindo que lhe jurassem lealdade, como Chefe da Igreja. É evidente que as ideias reformistas dos Puritanos, ao impedirem a união da Igreja e do Estado, ameaçavam dividir o povo e diminuir a autoridade real.

DE SEPARATISTAS A PEREGRINOS

Em 1603, Jaime I assumiu o trono, e pressionou muito os Separatistas para que se submetessem à sua autoridade. Em 1608, uma congregação separatista da cidade de Scrooby convenceu-se de que nunca seria possível reformar a Igreja nacional estabelecida. Fugiram para Leiden, em busca da liberdade que a Holanda oferecia. Com o tempo, os Separatistas começaram a sentir-se mal devido à baixa moral do povo e ao facto de a Holanda tolerar outras Religiões. Decidiram sair da Europa e recomeçar a vida no “Novo Mundo”. Esta disposição dos Separatistas, de viajar para longe, por razão das suas crenças e para obterem liberdade religiosa, levou-os a serem conhecidos como Peregrinos.

Os Peregrinos conseguiram autorização para fixar residência na Colónia britânica da Virgínia. A viagem, acidentada para os 102 corajosos passageiros, a bordo do *Mayflower*, durou de 6 de setembro a 21 de dezembro de 1620, através das águas agitadas e dos ventos ciclónicos do Atlântico. Desembarca-

ram na América do Norte e fundaram a Colônia de New Plymouth, mais tarde denominada Nova Inglaterra.

AVIDA NO NOVO MUNDO

Os refugiados não estavam preparados para enfrentar o penoso inverno quando chegaram ao novo Continente. Em poucos meses, metade do grupo morreu. Sentiram alívio com a chegada da primavera. Os Índios ensinaram os “Pais Peregrinos” a plantar cereais, a caçar, a pescar e a construir casas adequadas. Quando chegou o outono de 1621, os Peregrinos tinham conseguido uma grande colheita, e sentiram-se agradecidos. Então, reuniram-se para agradecer a Deus pela Sua bênção, e convidaram os Índios. Esta foi a primeira festa de Ação de Graças, que passou a repetir-se todos os anos.

Na Inglaterra, entretanto, alguns Puritanos chegaram também à conclusão de que a sua “Terra Prometida” ficava do outro lado do Atlântico. Em 1630, um grupo deles chegou a um local

ao norte de Plymouth, e fundou a Colônia da Baía de Massachusetts. Foram chegando mais imigrantes, até que, por volta de 1640, cerca de 20 mil Ingleses já habitavam na Nova Inglaterra. Depois de a Colônia de Massachusetts ter assumido o controlo de Plymouth, em 1691, Boston tornou-se no centro religioso da região, e os Puritanos dominaram a vida religiosa na Nova Inglaterra. Em 1863, o Presidente Abraham Lincoln declarou o Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving Day*) feriado nacional.

A RELIGIÃO DOS PURITANOS

A primeira coisa que os Puritanos fizeram no Novo Continente foi construir locais de reunião, para se congregarem nas manhãs de domingo. As igrejas não tinham aquecimento, e, no inverno, os fiéis quase congelavam de tanto frio.

Os Puritanos basearam as suas crenças nos ensinamentos de João Calvino, Reformador Protestante francês. Por isso, adotaram o ensino da predestinação, acreditando que Deus destinava

Os Índios ensinaram os “Pais Peregrinos” a plantar cereais, a caçar, a pescar e a construir casas adequadas.



quem seria salvo e quem seria condenado ao fogo eterno do inferno. Não importava o que as pessoas pudessem fazer; elas não poderiam mudar a sua posição perante Deus. Ao morrer, a pessoa não sabia se teria o prazer de viver no Céu ou se iria arder no inferno.

No século XVIII, os Puritanos mostraram ainda mais o seu zelo. Em Massachusetts, alguns clérigos condenaram o domínio inglês e ajudaram a incitar o desejo de independência. Misturavam Política com Religião nas suas conversas sobre revolução. Os Puritanos, em geral, eram esforçados, corajosos e dedicados à sua Fé. As pessoas ainda falam hoje do “caráter puritano” e da “honestidade puritana”. Porém, ser apenas sincero não liberta alguém de crenças e ensinamentos errados.

LIÇÕES DE CONCLUSÃO

Jesus nunca Se envolveu em campanhas políticas, nem permitiu misturar Religião com Política (Mateus 22:21; João 6:15; 18:36). A Bíblia ensina claramente o estado de absoluta inconsciência dos mortos, que, por estarem mortos, são, obviamente, incapazes de sentir qualquer dor ou prazer (Gênesis 3:19; Job 7:9 e 10; Salmos 6:5; 115:17; 146:3-6; Eclesiastes 3:19-22; 9:5 e 6, 10). Por outro lado, o conceito de tortura eterna pelo fogo do inferno é de origem pagã. O Deus da Bíblia não é cruel nem vingativo. Criou os seres humanos com liberdade e capacidade de escolha (Gênesis 1:27; 2:15-17; Deuteronómio 30:15-20). É um Deus de amor e de justiça (Jeremias 17:7-10; Ezequiel 18:20-23; 33:11 e 12, 18-20). Exorta as pessoas a mudarem de vida. É misericordioso e compassivo com os pecadores, salvando-os pela Sua graça, mediante a fé em Cristo (Jeremias 29:11-13; 31:3; Joel 2:12-18; Romanos 1:16 e

17; 5:1-11; 8:37-39; Efésios 2:1-10). Para os que rejeitam o Plano da Salvação que Deus oferece, e se obstinam no mal, esses obterão a “segunda morte”, equivalente a morte de consequências eternas; não serão lançados num inferno de fogo eterno (João 5:26-29; Apocalipse 20:14; 21:8). Qual a solução para a primeira morte? É o próprio Jesus, que é a Ressurreição e a Vida, sendo essa ressurreição e essa vida concedidas por ocasião da Sua Segunda Vinda (João 11:25 e 26; I Coríntios 15:51-57; I Tessalonicenses 4:13-18). A única predestinação bíblica é para a vida imortal, numa Nova Terra purificada e liberta de todo o mal (Romanos 8; Apocalipse 21:1-7; 22:1-7). Cabe a cada ser humano escolher e decidir acerca da oferta de salvação que Deus faz, na Sua bondade, através da Sua Palavra inspirada.

Ainda hoje, nos Estados Unidos da América, e noutros locais onde haja Americanos, as famílias reúnem-se no Dia de Ação de Graças para um jantar especial com peru recheado, batata-doce e tarte de abóbora.

Todos os dias deveriam ser um “Dia de Gratidão” ou de “Ação de Graças”, pelas inúmeras bênçãos recebidas ao longo do ano. Porque, como diz Dorothy O’Neill: “*O coração agradecido é o melhor antídoto para a depressão e o desânimo.*” Porém, não menos importante é poder viver em liberdade de consciência, para adorar o Deus da vida e da esperança [Emanuel – “*Deus conosco*”], de acordo com a Revelação que Ele inspirou! ▢

NOTA

1 www.woljw.org/pt/wol/d/r/5/lp-t/102006044

TEOLOGIA

BATISMO EM FAVOR DOS MORTOS?¹

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

Dúvidas e questões têm sido levantadas acerca da doutrina que defende o batismo dos vivos em favor dos mortos. Por razões morais, éticas e deontológicas, não é nossa intenção atacar ou criticar qualquer Confissão Religiosa. Nunca o fazemos. No entanto, temos o dever de analisar qualquer doutrina à luz da Palavra de Deus, na busca da verdade revelada. Por mais bem-intencionada que possa ser, “a premissa existente por trás da doutrina mórmon do batismo pelos mortos é a ideia de que através dele os espíritos podem aceitar o Mormonismo no mundo espiritual”.² Conhecido este contexto, poderemos analisar melhor o assunto.

A Palavra de Deus é absolutamente clara: não existe uma segunda oportunidade de salvação depois da morte (Hebreus 3:12 e 13; II Coríntios 6:1 e 2). Na sepultura, ninguém poderá exercer fé ao aceitar Jesus como Salvador (Romanos 10:9), nem obedecer-Lhe como Senhor (Mateus 7:21-23). Outro texto que esclarece qualquer dúvida é Hebreus 9:27 e 28 (BpT): *“Está determinado que os homens morram uma só vez e que depois sejam julgados por Deus. Assim também Cristo foi uma só vez oferecido em sacrifício para tirar os pecados da humanidade. Depois há de aparecer outra vez, não já para tirar o pecado, mas para salvar aqueles que esperam por ele.”*

Compreenda-se o argumento do apóstolo: assim como o único acontecimento que ocorre quando a pessoa está morta é o julgamento, também o sacrifício de Cristo foi realizado uma única vez, sem que Ele tenha necessidade de repetir todo o processo no Calvário; pois Cristo continua, hoje, a Sua obra de salvação como Sumo-Sacerdote no Santuário Celestial (Hebreus 8:1 e 2; 4:14-16).

“Está determinado que os homens morram uma só vez e que depois sejam julgados por Deus. Assim também Cristo foi uma só vez oferecido em sacrifício para tirar os pecados da humanidade.”

Então, se, depois da morte, a vida da pessoa será avaliada no tribunal divino (Daniel 7:9 e 10; Apocalipse 20:12), tal pessoa não poderá mais obter uma segunda oportunidade de salvação. Todas as oportunidades que essa pessoa recebeu do Espírito Santo para a salvação tinham de ser aproveitadas em vida (Hebreus 3:7 e 8). É por isso que Deus convida cada ser humano para que O receba, e aceite a salvação que Ele oferece, nesta vida: *“Procurem o Senhor, uma vez que o podem encontrar; invoquem-no uma vez que está perto de vós. Que o ímpio deixe as suas maldades e o homem mau os seus planos desonestos! Que voltem para o Senhor, pois tem piedade deles! Voltem para o nosso Deus, pois ele perdoa generosamente!”* (Isaías 55:6 e 7.)

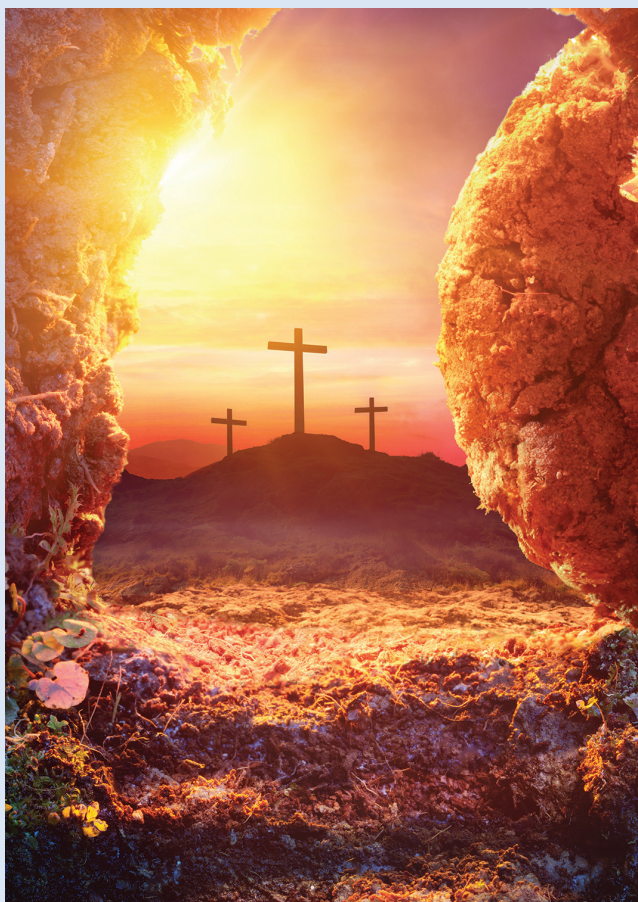
A SALVAÇÃO É PESSOAL E INTRANSMISSÍVEL
A Bíblia é bem clara ao afirmar que a

salvação é pessoal e individual. Ninguém pode aceitar Jesus no lugar dos seus pais, filhos, marido, mulher ou amigos. Não há qualquer possibilidade de decidir e aceitar a salvação por outra pessoa, muito menos sem o conhecimento ou consentimento dela. Deus realizou um Plano Universal de Resgate. Esse Plano de Salvação abrange todos os seres humanos de todas as eras. Deus, no respeito da liberdade e do livre arbítrio individual, permite e espera que cada pessoa responda ao Seu convite para a salvação, por meio de Jesus Cristo (João 3:16-18, 36). Desta maneira, ninguém pode dizer “sim” a Jesus no lugar de outro. A salvação não se obtém por procuração! Eis apenas três textos que ajudarão a compreender que a salvação é um assunto absolutamente pessoal e intransmissível.

Ezequiel 14:14 – Deus diz que mesmo se Noé, Daniel ou Job estivessem vivos, não poderiam interceder pelo povo rebelde. *“A sua integridade apenas chegaria para eles mesmos serem salvos”* (BpT). O princípio é óbvio: Israel praticou a idolatria mais vil; nenhuma pessoa justa poderia obedecer a Deus “no lugar” de outros, ou dizer “sim” aceitando a oferta de salvação, impedindo a aplicação da sanção divina à desobediência do pecador.

Ezequiel 18:20 – *“Aquele que pecar, morrerá. Um filho não deve pagar pelos pecados do pai, nem um pai pelos pecados dos filhos. O homem justo será recompensado por praticar o bem, e o homem mau pagará pelo mal que fizer”* (BpT). É patente que tanto a justiça como a iniquidade pessoais são intransmissíveis.


Romanos 14:12 – *“Portanto, cada um de nós terá de dar contas de si mesmo diante de Deus”* (BpT). O apóstolo Paulo lembra que o julgamento é individual.



Por isso, não faz qualquer sentido que um crente se faça “batizar” no lugar de alguém que morreu, sem ter aceitado Jesus como Salvador. Também não valerá de nada tentar prestar contas pela vida de tal pessoa, que foi decidindo não aproveitar as oportunidades de salvação que Deus lhe concedeu.

COMPREENDER I CORÍNTIOS 15:29 E 30

É necessário considerar o contexto e a preocupação do apóstolo Paulo no início do capítulo 15, versículo 12: *“Mas se nós anunciamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns andam a dizer que os mortos não ressuscitam?”* A seguir, Paulo prossegue o raciocínio, afirmando a realidade histórica da ressurreição de Jesus: *“Mas a verdade é que Cristo ressuscitou dos*



“Mas a verdade é que Cristo ressuscitou dos mortos, e é garantia de ressurreição para os que morreram. [...] Unidos a Adão, todos estão sujeitos à morte e, unidos a Cristo, todos voltarão a receber a vida. [...] Quando Cristo voltar, ressuscitarão os que lhe pertencem.”

mortos, e é garantia de ressurreição para os que morreram. [...] Unidos a Adão, todos estão sujeitos à morte e, unidos a Cristo, todos voltarão a receber a vida. [...] Quando Cristo voltar, ressuscitarão os que lhe pertencem” (vv. 20-23, *BpT*). E, prosseguindo, o apóstolo desenvolve o pensamento e interroga (vv. 29 e 30, *BpT*): *“Pensem no caso daqueles que recebem o batismo pelos mortos. Se de facto os mortos não ressuscitam, porque é que se andam a batizar por eles? E não estamos nós também em perigo a cada hora que passa?”*

É de notar que, no versículo 29, Paulo usa o pronome da terceira pessoa do plural (eles), enquanto, no versículo 30, usa o pronome na primeira pessoa do plural (nós), referindo-se a ele próprio e aos outros Cristãos de Corinto.

Percebe-se bem, no contexto, que, no versículo 29, o apóstolo menciona *outras pessoas que não faziam parte do Cristianismo ortodoxo*.

Na realidade, sabe-se, pela História, que, no segundo século, existiram alguns grupos heréticos que praticavam o “batismo vicário”, mas a Igreja coletivamente nunca aceitou essa prática. Ainda da análise contextual de todo o capítulo 15, percebemos que Paulo está a defender a doutrina da ressurreição de Cristo, que estava a ser desacreditada entre alguns crentes da igreja de Corinto (vv. 12-19).

Então, para mostrar que a atitude desses Cristãos era grave e destituída de lógica, o apóstolo faz referência a um costume, contrário à revelação divina,

de se fazerem batizar por aqueles que tinham morrido. Isto era apenas uma ilustração para lhes ensinar que “aqueles” heréticos (que não faziam parte do círculo cristão deles, isto é, da igreja dos Coríntios) se faziam batizar pelos mortos porque acreditavam na ressurreição. E Paulo concluía que, com maior razão, eles, Coríntios, deveriam crer na ressurreição do Salvador Jesus, sendo Cristãos e conhecendo testemunhas oculares desse facto (cf. v. 6). Enfim, o apóstolo usou um argumento de choque, acerca dos heréticos, para “despertar” os Cristãos coríntios para a verdade histórica da ressurreição de Cristo e também para a verdade escatológica da ressurreição futura dos fiéis.

CONCLUSÃO

Portanto, I Coríntios 15:29 menciona apenas uma prática dissidente e herética, para reforçar o argumento de apoio à doutrina da ressurreição de Cristo. Este texto não apoia, de modo algum, o ensino mórmon do batismo substitutivo

**A harmonia voltará
ao Universo do
nosso Deus – um só
Senhor, um só povo,
uma só verdade!
Todos ansiamos por
este momento na
História!**

dos mortos. Além disso, o pressuposto para o desenvolvimento desta doutrina de origem herética tem por base uma doutrina pagã – a imortalidade da alma. Assim se propaga o erro, buscando apoio bíblico enviesado, tentando-se “cristianizar” o que é herético, profano, antibíblico e anticristão. Biblicamente, há uma inconsciência total no “*sono da morte*” (Job 7:9 e 10; 14:10-12; Salmos 6:5; 115:17; 146:4; Eclesiastes 3:19-22; 9:4-6, 10; João 11:11-14). De acordo com a Palavra de Deus, a única solução para a morte é a ressurreição aquando da Segunda Vinda de Cristo (I Tessalonicenses 4:13-18). Essa será uma ressurreição para a imortalidade (I Coríntios 15:51-57). Mil anos depois, haverá outra ressurreição para a condenação, ou para a “*segunda morte*” (Apocalipse 20:5-10, 14 e 15; 21:8), significando morte eterna.

O Mal, o pecado e a sua recordação serão apagados para todo o sempre (I Coríntios 15:51-57; I Tessalonicenses 4:13-18; Apocalipse 21:1-8). Paz, justiça e amor reinarão de eternidade em eternidade! Todos ansiamos por este momento na História! A harmonia voltará ao Universo do nosso Deus – um só Senhor, um só povo, uma só verdade! ▢

NOTAS

1 Para a ideia de base deste artigo somos devedores a Leandro Quadros, *Na mira da verdade*, vol. II, pp. 60-62.

2 Ron Rhodes e Marina Bodine, *Argumentando com os Mórmons a partir das Escrituras*, Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 324, citado por Leandro Quadros, *op. cit.*, p. 60.



DEMÊNCIA E DEPRESSÃO EM PORTUGAL

Portugal é um país deprimido, com muitos casos de demência.

Portugal é um dos quatro países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) com maior prevalência de casos de demência entre a população, um problema que vai duplicar em 2050.

Segundo o relatório “Health at a Glance 2019”, em Portugal, a prevalência da demência está pouco acima dos 20 casos por 1000 habitantes. Em 2050, porém, prevê-se que duplique, chegando aos 40,5 casos por 1000 habitantes.

A idade continua a ser o maior fator de risco para a demência. Nos 36 países da OCDE, a prevalência média de demência sobe de 2,3%, entre as pessoas de 65 a 69 anos, para quase 42%, entre as pessoas de 90 anos ou mais.

A realidade das taxas decrescentes de fertilidade e a crescente expectativa de vida mais longa fizeram com que os idosos representem uma proporção crescente da população nos países da OCDE. A proporção da população com 65 anos ou mais aumentou de menos de 9%, em 1960, para mais de 17%, em 2017.

Deste modo, verifica-se que os países com algumas das populações mais envelhecidas da OCDE – Japão, Itália, Alemanha e Portugal – têm também os maiores valores de prevalência de demência.

O quinto país que mais consome antidepressivos.

Portugal é também o quinto país da OCDE com maior consumo de antidepressivos, tendo mais do que triplicado o consumo entre 2000 e 2017. Em 2000, Portugal pouco ultrapassava as 30 doses diárias de antidepressivos por 1000 pessoas. Mas, em 2017, apresentava um consumo de 104 doses diárias.

O relatório refere, de igual modo, nos 30 países analisados, um aumento generalizado no consumo de antidepressivos. No conjunto, registou-se uma duplicação entre 2000 e 2017. No mesmo período, Portugal triplicou o consumo. Esta é uma má notícia!

Por outro lado, ainda é cedo para sabermos acerca do impacto que o vírus da Covid-19 terá na prevalência da demência e na toma de antidepressivos, tanto em Portugal como no mundo. ▢

www.lifestyle.sapo.pt/saude/noticias-saude/artigos/relatorio-da-ocde-portugal-e-um-pais-deprimido-com-muitos-casos-de-demencia-e-infecoes-hospitalares

HONESTIDADE

UM HOMEM ACHOU UM PRÊMIO DE UM MILHÃO DE DÓLARES E DEVOLVEU-O AO DONO

O caso aconteceu nos Estados Unidos da América, em Salina, Kansas. Um funcionário de um posto de combustível encontrou um bilhete da lotaria *Mega Millions* no chão. Foi verificar os números, e viu que se tratava de um bilhete premiado no valor de um milhão de dólares. Também percebeu que o nome do proprietário do bilhete não estava escrito. Isto significava que qualquer pessoa poderia levantar o dinheiro. E, ele tinha essa possibilidade na mão.

Foi aqui que a moralidade entrou em ação. O funcionário do posto de combustível telefonou para a loja registrada no recibo do bilhete para ver se poderia encontrar a pessoa compradora daquele bilhete premiado, para o devolver. E, afinal, conseguiu. O dono do bilhete foi encontrado e contou como o perdeu.

“O meu irmão entrou [no posto] para verificar os meus bilhetes. Sem dar por isso, ele deve ter deixado cair o bilhete da *Mega Millions* não assinado. De-

pois, voltámos para casa”, disse o dono do bilhete. Uma hora mais tarde, os irmãos saíram de novo, agora à procura do bilhete perdido.

“Quando passámos pela loja, o filho do dono apareceu e chamou-nos. Explicou o que aconteceu e entregou-me o bilhete premiado. Eu quase não conseguia acreditar!”, disse, rindo com emoção, o vencedor da lotaria do Kansas.

O funcionário que deu uma prova real de honestidade decidiu permanecer anónimo. Por sua vez, o novo milionário disse que a boa ação do homem honesto restaurou a sua confiança na Humanidade. A imprensa americana não informou se o dono do bilhete premiado deu alguma recompensa ao funcionário do posto de combustível.

A verdadeira honestidade não tem preço! É um valor com base na dignidade e no princípio da verdade.

www.sonoticiaboa.com.br/2018/03/25/frentista-acha-bilhete-premiado-de-u-1-milhao-e-devove-ao-dono/



Princípios Bíblicos de Salvação

Deus deseja salvar todos: *“Deus, nosso Salvador; [...] quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”* (I Timóteo 2:3 e 4, BpT).

É pelas nossas escolhas, nesta vida, que decidimos o nosso futuro eterno – vida ou morte: *“Se não querem servir ao SENHOR, decidam hoje mesmo a quem desejam servir, ou aos deuses que vossos antepassados adoraram na Mesopotâmia, ou aos deuses dos amorreus, em cujas terras habitam agora. Por minha parte, eu e a minha família serviremos ao SENHOR”* (Josué 24:14 e 15, BpT).

Cada dia é um dia de oportunidade de salvação: *“Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. [...] Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração.”* *“Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação”* (Hebreus 3:12-15; II Coríntios 6:1 e 2, ARA).

Não existe segunda oportunidade de salvação, nem durante nem depois da morte, porque há inconsciência absoluta na morte: *“Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o lugar onde habita o conhecerá jamais. [...] Pois, na morte, não há recordação de ti; no sepulcro, quem te dará louvor?”* (Job 7:9 e 10; Salmo 6:5, ARA.)

Ninguém poderá salvar outro por procuração: *“Aquele que pecar, morrerá. Um filho não*

deve pagar pelos pecados do pai, nem um pai pelos pecados dos filhos. O homem justo será recompensado por praticar o bem, e o homem mau pagará pelo mal que fizer” (Ezequiel 18:20, BpT).

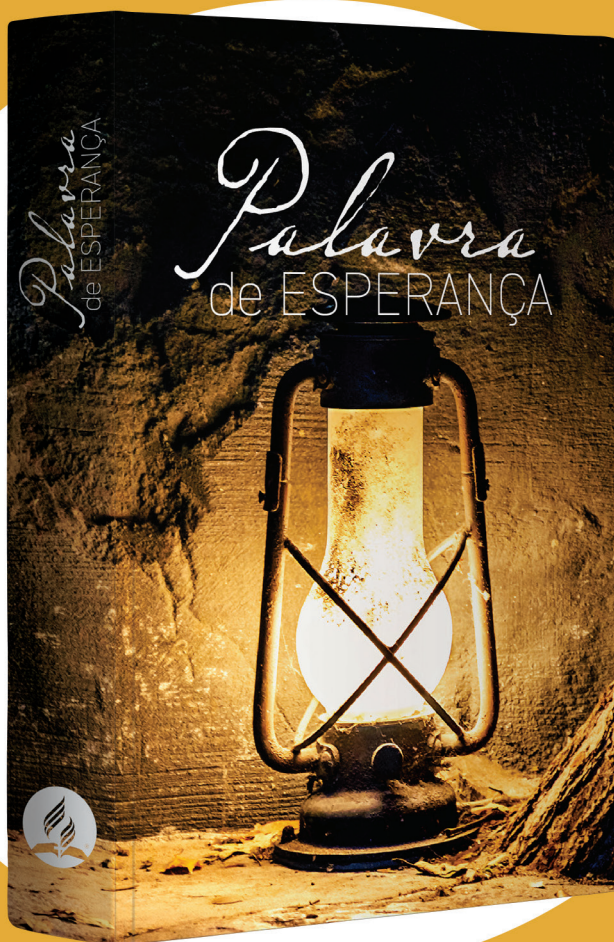
A salvação é intransmissível: *“Portanto, cada um de nós terá de dar contas de si mesmo diante de Deus”* (Romanos 14:12, BpT).

Jesus é o único Mediador: *“Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus”* (I Timóteo 2:5, BpT).

Que nos salva pelo dom da Sua graça, mediante a nossa fé, sem méritos humanos: *“Porque é pela graça que estão salvos, mediante a fé. E isto não é mérito vosso, é dom de Deus. Não vem das obras para que ninguém se glorie”* (Efésios 2:8 e 9, BpT).

O objetivo de Deus é que Cristo habite em nós pelo Espírito Santo, para operar a nossa santificação: *“Não vos hei de deixar órfãos pois voltarei para junto de vós. [...] Quando vier o Espírito da verdade, vai guiar-vos em toda a verdade. [...] Ele vos manifestará a minha glória.”* *“Que ele vos conceda, com a riqueza da sua glória, a força de se manterem interiormente firmes e seguros, pelo Espírito. Também peço a Deus que Cristo habite pela fé nos vossos corações e que estejam bem arraigados e alicerçados no amor, para poderem compreender, com todos os crentes, a grandeza, a largueza, a imensidão e a profundidade do amor de Cristo.”* *“EMANUEL – Deus conosco!”* (João 14:18; 16:13-15; Efésios 3:16-18, BpT.)

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



*Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!*

Peça gratuitamente: 933 93 92 91